

190 - 64
Alimentação

Índios resgatam culturas primitivas

O Cenargen está repassando aos kraós sementes de culturas nativas, para resgatar costumes e evitar a escassez de alimentos

MARISTELA FRANCO

Espigas compridas e finas, que fornecem grãos macios, doces, ideais para consumo em forma de papas ou cozidos. Assim é o milho nativo restituído aos índios kraós pelo Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), mediante convênio assinado entre a Embrapa e a Funai. Após vários anos de escassez, plantando cereais que não garantiam sua subsistência, os kraós decidiram ir em busca das cultivares de seus antepassados e as encontraram guardadas nos bancos de germoplasma do Cenargen.

O convênio prevê repasse de tecnologias e um intercâmbio permanente de material genético, com realização de novas expedições da Embrapa para coleta nas reservas indígenas espalhadas pelo País e reintrodução, nessas áreas, de variedades conservadas pela empresa. As plantas em poder das diversas tribos brasileiras, apesar de pouco produtivas, são resistentes e adaptadas às condições locais, podendo ser usadas para obtenção de cultivares comerciais, que ajudarão os próprios índios a melhorar sua produção agrícola. A experiência com os kraós está funcionando como projeto-piloto.

"Os velhos dessa tribo contavam que, antigamente, tinham

fartura de alimentos. Plantavam batata-doce, cará, amendoim, milho, mandioca e não passavam fome. Depois, quando a Funai decidiu que eles deviam cultivar arroz e milho híbrido, numa visão totalmente distorcida do sistema produtivo indígena, os kraós perderam suas plantas milenares e passaram a viver momentos de penúria, dependendo de doações e da boa vontade do Governo para alimentar suas crianças", explica o indigenista Fernando Schiavini, funcionário da Funai responsável pelo acompanhamento do projeto.

A escassez, geralmente sazonal, devia-se ao fato dos índios desconhecerem técnicas modernas de produção e armazenagem, possuindo solo impróprio para cultivo do arroz de sequeiro e não contarem com insumos básicos (fertilizantes, herbicidas etc). O milho híbrido era colhido e usado como semente, se degenerando ao ponto de produzir espigas raquíticas. A safra minguada durava apenas alguns meses, depois virava a fome. Com a monocultura, criou-se um círculo vicioso de dependência dos índios em relação à Funai, que todo o ano precisava fornecer-lhes sementes para plantio.

CONVÊNIO COM A EMBRAPA PREVÊ O REPASSE DE TECNOLOGIAS E O INTERCÂMBIO DE MATERIAL GENÉTICO

Segurança

No sistema de cultivo antigo, além do milho, os kraós plantavam principalmente tubérculos (mandioca, inhame, batata-doce), que permanecem no solo durante meses e anos, naturalmente armazenados. Nômades milenares, os índios dessa tribo voltavam muitas vezes às aldeias abandonadas para se abastecer de tubérculos, amendoim e frutas, como a banana, que emite brotos ou filhotes, produzindo por uma dúzias de décadas.

Também por serem nômades, não tinham quintais. Faziam roça de tudo, usando fogo para limpar a área, e quando o solo se cansava mudavam de lugar. "Como o mundo era do índio, podíamos viver livres", argumenta Tadeu Krahô, líder da aldeia Capim Branco.

Depois de instalados em uma reserva de 3.200 Km², demarcada em 1951, na região norte do Tocantins, a tribo passou a ser sedentária, mas não estava preparada para isso. Na década de 70, os governos militares lançaram a chamada "revolução verde", baseada no monocultivo, e os índios foram levados pela corrente. Como o arroz não permite consórcio, até mesmo os velhos tubérculos se perderam. "Estamos tentando devolver segurança alimentar aos kraós, garantindo-lhes pelo menos a subsistência", afirma Schiavini.

Foi ele quem obteve as primeiras sementes de milho indígena no Cenargen, em 1995. "Levamos para a tribo amostras de 200 g de seis espécies diferentes, que foram divididas em pequenas porções e distribuídas para as famílias das 13 aldeias kraós. Cada uma fez sua roça isolada para evitar cruzamento entre as espécies. O milho colhido foi guardado como se-



Fotos: Ricardo Valente

Isac mostra diferença entre milho indígena (e) e o híbrido (d)

mente e plantado na safra 96/97, para multiplicação", conta Schiavini. No ano passado, os índios também obtiveram junto ao Cenargen material genético nativo e melhorado de amendoim, batata-doce, mandioca, abóbora e quiabo.

Tradição

O retorno das cultivares antigas ressuscitou velhas tradições e conhecimentos que se supunham perdidos. Os velhos kraós começaram a se lembrar de como seus antepassados guardavam as sementes e processavam os alimentos. Essas técnicas estão sendo repassadas aos jovens, para que não se percam. As sementes, por exemplo, são conservadas numa mistura de pimenta malagueta com cinza e guardadas em caboças. Segundo Tadeu krahô, nos últimos dois anos a tribo passou menos necessidade e todos estão otimistas com relação ao futuro.

A questão agrícola é de fundamental importância para a tribo, que está crescendo. Hoje, 42,2% da população encontra-se na faixa etária de zero a 12 anos, exigindo cuidado com a dieta nutricional e,

principalmente, maior oferta de alimentos. Preocupado com isso, o Conselho de Líderes reunido na Kápé, união de aldeias kraós, definiu as próximas etapas do projeto, traçando algumas prioridades, entre elas o manejo adequado do solo e a utilização dos espaços domésticos (áreas contíguas às aldeias) como quintais, onde serão plantadas frutíferas, hortaliças e ervas medicinais.

O Conselho também planeja introduzir culturas perenes como coco, caju, açaí, abacaxi em consórcio com as lavouras e espécies nativas do cerrado para recomposição do ecossistema, nas áreas semi-degradadas. Outro assunto que entusiasmou os kraós foi a possibilidade de repovoar sua reserva com animais silvestres, criando-os em cativeiros ou soltos. Muitas dessas espécies, como por exemplo o queixada, desapareceram do território krahô desde a década de 50. Mas como a demanda de carne é grande, o Conselho de Líderes está pensando ainda em criar bovinos da raça curraleira, que é rústica e exige pouca mão-de-obra.



Convênio permite resgate de tradições como conservação de sementes em cabaças